

O CONCEITO DE UM SER ADORÁVEL

Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – agosto de 1965²

Há eras que a controvérsia sobre a natureza de um Ser digno de adoração continua. Alguns dizem que Ele é infinito, absoluto, sem forma, eterno e inconcebível pela mente humana. Outros afirmam que Ele é de qualidades infinitamente boas, que Ele tem forma e, embora seja onipresente, tem uma morada própria. Outros ainda dizem que Ele não pode ser dito como absoluto e infinito, mas se auto supera; ainda outros Lhe dão uma forma definida e afirmam que Ele não pode ser outro e todos os outros deuses são apenas menores do que Ele. Simultaneamente, uma seção da humanidade sustenta que não existe tal Ser. É tudo uma superstição da frágil mente humana, de pessoas fracas e deve ser superada. Nos séculos recentes, esta última visão tem ganhado terreno.

Os cientistas no início, no Ocidente, foram os primeiros a levantar a bandeira da revolta contra a forma então prevalecente de religião e teologia ali. Pois a Igreja naquela época reprimia, com pé firme, tudo o que fosse contra suas crenças teológicas. A ciência, portanto, para sua própria sobrevivência, teve que travar uma grande luta. Mais tarde, quando os cientistas tiveram rédea livre para explorar seu campo e, por fim, descobriram que a ciência sozinha não poderia dar paz à humanidade, e quando os contatos com as diferentes religiões tornaram possível saber o que se entendia por religião real, eles descartaram essa atitude hostil à religião. No entanto, os homens menores que se autodenominam cientistas e que ainda não contribuíram com nada nem para a ciência nem para seus próprios países estão lutando furiosamente a batalha perdida. Aqui, não nos preocuparemos com essas pessoas, mas nos limitaremos a entender a controvérsia citada no início deste artigo e nos iluminarmos se tal controvérsia vale a pena.

II

Antes de tudo é necessário saber como essa ideia de um Ser superior ao homem veio a ser concebida no início. O primeiro sentimento que o homem experimenta, quando começa a conhecer as coisas, é que ele é limitado. No início, o homem pode ter sentido a imensidão do poder da Natureza, dos elementos e, portanto,

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>

² Do original em inglês, *Concept of a Worshipful Being*.

personificando-os, os adorou, para que fossem propícios a ele. Assim, surgiu a adoração do sol, da terra, do fogo e da água. A terra era adorada quando o homem passou a depender do cultivo. Ela era propiciada para que pudesse render colheitas em abundância. O homem sentia que estes eram mais livres do que ele e lhe concederiam liberdade quando propiciados. Swami Vivekananda diz: “Se tentarmos examinar os vários tipos de adoração em todo o mundo, veríamos que os mais rudes da humanidade estão adorando fantasmas, demônios e os espíritos de seus antepassados. Adoração de serpentes, adoração de deuses tribais e adoração dos falecidos, por que eles fazem isso? Porque eles sentem que de alguma forma desconhecida esses seres são maiores, mais poderosos do que eles mesmos, e limitam sua liberdade. Eles, portanto, buscam propiciar esses seres para impedi-los de molestá-los, em outras palavras, para obter mais liberdade. Eles também buscam ganhar o favor desses seres superiores, para obter por dom dos deuses o que deveria ser ganho por esforço pessoal.”³ Assim, podemos dizer que essa ideia de um ser ou seres superiores se originou com o cativo que o homem sentiu — no momento em que começou a olhar ao redor — e a liberdade que ele ansiava; um ser superior, ele pensa, lhe daria liberdade ilimitada. Mesmo no conceito mais rude de Deus, essa ideia se manifesta. Para citar Swami Vivekananda novamente: “Essas duas visões (a adoração aos ancestrais e a adoração à Natureza), embora pareçam contraditórias, podem ser reconciliadas em uma terceira base, que para mim é o germe real da religião, e que proponho chamar de luta para transcender as limitações dos sentidos. Ou o homem vai buscar os espíritos de seus ancestrais, os espíritos dos mortos, isto é, ele quer ter um vislumbre do que há depois que o corpo é dissolvido, ou, ele deseja entender o poder atuando por trás dos estupendos fenômenos da natureza. Seja qual for o caso, uma coisa é certa, ele tenta transcender as limitações dos sentidos. Ele não pode permanecer satisfeito com seus sentidos; ele quer ir além deles.”⁴ Mais tarde, à medida que o homem evoluiu e começou a pensar profundamente, a ideia de Deus também evoluiu. Deus passou a ser concebido como uma Pessoa, sentada em algum lugar no céu, infinitamente misericordiosa, infinitamente bondosa, que derrama bênçãos sobre os bons. Muitos deuses deram lugar a um Deus, onisciente e onipotente. Em outras palavras, o Monoteísmo tornou-se prevacente. Agora, a maioria dos religiosos não pode ir além dessa ideia, embora haja indicações em suas escrituras que apontam para sentimentos mais elevados e nobres.

Bem, como está, não é ruim; não precisamos culpá-los. Mas quando eles se posicionam como sabedores de tudo, e dogmáticos e começam a condenar todos os outros pensamentos, todos os outros sentimentos, todas as outras religiões como apenas dignas de serem lançadas na lixeira, ou nas chamas, temos que ter pena deles por sua superficialidade; pois eles são como Cristo disse: ‘Olhos têm, mas não veem; ouvidos têm, mas não ouvem.’

³ Obras Completas de Swami Vivekananda, Vol. I, pp. 332, 333. Sétima edição, 1046.

⁴ Ibid., Vol. II, p. 59 (1948).

Além disso, por essas condenações, eles não apenas expõem sua intolerância a um segundo credo ou religião, diferente do seu, mas também expressam falta de profundidade, falta de simpatia, falta de sensibilidade e medo de ir além das limitações estabelecidas por eles mesmos. Lembremo-nos de que estas não são coisas do passado, mas do presente vivo. Dogmatismo e fanatismo são difíceis de matar. Se alguém percorrer algumas das publicações recentes do Ocidente e subsequentemente reproduzidas na Índia também, encontrará quão patente esse fato é. O Hinduísmo e a Índia tornaram-se novamente o alvo de interesses estabelecidos tanto dentro quanto fora da Índia. Isto é algo que não pode deixar de ser notado de passagem, embora uma pesquisa detalhada disso não seja necessária neste contexto.

Agora, voltando ao nosso assunto: Essa ideia de um Deus Pessoal residente em algum lugar no céu estava bem para as massas comuns, mas os videntes [sábios] hindus não ficaram satisfeitos com tal posição. Eles persistiram em sua busca e avançaram mais. Eles disseram: 'Bem, Deus tem uma morada, mas Ele tem uma morada em nós também, em cada um de nós. E mais, somos suas partes. A Natureza também é uma parte Dele. Assim como o homem tem uma alma e um corpo, todo o universo e todos os seres vivos e não vivos são seu corpo e Ele é sua alma.' Aqui as pessoas ainda se apegavam a um Deus Pessoal.

Mas havia videntes que ainda não estavam satisfeitos com a ideia. Swami Vivekananda explica por que eles não estavam satisfeitos: 'Esta explicação — que há um Ser além de todas essas manifestações de *Māyā* e que está nos atraindo para Si mesmo, e que estamos todos indo em direção a Ele — é muito boa, diz a Vedanta, mas ainda a percepção não é clara, a visão é fraca e nebulosa, embora não contradiga diretamente a razão. . . . A ideia de que a meta está longe, muito além da natureza, atraindo-nos todos para ela, tem que ser trazida cada vez mais para perto, sem degradá-la ou degenerá-la.'⁵ Os sábios, portanto, lutaram indomavelmente até chegarem à última palavra da Vedanta — o Não-dualismo, a ideia de Um sem um segundo. 'O Deus do céu se torna o Deus na natureza, e o Deus na natureza se torna o Deus que é a natureza, e o Deus que é a natureza se torna o Deus dentro deste templo do corpo, e o Deus habitando no templo do corpo finalmente se torna o próprio templo, torna-se a alma e o homem — e aí chega às últimas palavras que a Vedanta pode ensinar.'⁶ Esta ideia, no entanto, está além do alcance da maioria das pessoas. Se alguém disser 'Você e eu somos Deuses', ou 'Ātman é Brahman', o homem comum ficará chocado com — o que ele considera — esta blasfêmia. É um pensamento muito profundo para a maioria da humanidade. Eles farão uma confusão dessa ideia ou simplesmente tentarão ridicularizá-la. Assim, vemos que todo homem quer que o que ele considera como verdadeiro seja aceito por todos os outros. Mas devemos nos perguntar, quando propomos uma teoria, especialmente sobre religião e Deus: Que direito temos de condenar os outros ou forçá-los a aceitar nossas opiniões? Fanáticos

⁵ Ibid., p. 128.

⁶ Ibid.

não têm paciência para refletir sobre isso. Eles vão ou pedir que você siga suas teorias favoritas ou sofrer as consequências. Nos tempos antigos era a espada, mas agora é o abuso e a difamação. Não sabemos como Deus, que supostamente é todo-amor, pode permanecer onde tanto ódio está transbordando.

III

Agora, temos tantos conceitos de Deus. Qual conceito é verdadeiro? Qual é a saída para este labirinto de conceitos? O que um homem comum deve seguir? Os grandes sábios estavam todos errados? Se não estivessem, a quem se deve seguir? É o dilema do homem comum. Mas para o hindu, se ele tivesse estudado suas próprias escrituras, ouvido seus Mestres com atenção e fé, isso não deveria ser problema algum. Mesmo já nos tempos do *Rig Veda*, nossos sábios descobriram que 'A Verdade é UM, mas os sábios A chamam de forma variada', como Indra, Varuna e semelhantes.⁷ Por qualquer nome que se chamasse aquele Ser Supremo, era um e o mesmo. Mais tarde também encontramos essa ideia sendo repetida e enfatizada repetidamente. No *Bhagavad Gītā*, Sri Krishna diz: "Aquele que Me adora (o Senhor), em qualquer forma, a ele Eu venho nessa forma. Pois, ó Arjuna, todas as pessoas seguem por toda parte no Meu caminho apenas."⁸ Um poeta cantou: "Os homens tomam caminhos diferentes, retos ou tortuosos através de diferentes tendências, ainda assim, ó Senhor, Tu só és o objetivo final de todos os homens, como o oceano é de todos os rios."⁹ Sri Ramakrishna, por suas realizações intuitivas, verificou esta verdade e então, em seu estilo caseiro inimitável, disse: "Assim como a água retirada de diferentes lugares de um tanque por pessoas falando várias línguas é variadamente chamada, como *jal*, *pāni*, *aqua* e *water*, assim, de acordo com as tendências distintivas do homem, ele se dirige a Deus, como Brahman, Allah, Krishna, Kali e semelhantes."

Portanto, é errado ser dogmático sobre qualquer conceito de Deus. Aqueles que insistem que Deus só pode ser o que eles O consideram, está consciente ou inconscientemente ditando termos a Deus. Em que situação esse Deus não deveria estar! Eles não consideram isso como dominá-Lo? **Se Deus fosse uma pessoa tão fraca a ponto de ouvir os ditames de uma comunidade, por maior e mais poderosa que fosse, Ele não seria melhor do que os deuses tribais concebidos nos estágios anteriores da história do homem.** No entanto, por que as pessoas persistem em suas noções adquiridas? Em uma palavra, se tivermos que dizer, elas não estão nem um pouco ocupadas com Deus. Elas estão preocupadas com todas as outras coisas, exceto com Ele. Portanto, há conflito e briga, disputa e derramamento de sangue, sobre as formas externas e modos de adoração.

⁷ Rig Veda, 1. 22. 165. 46.

⁸ Bhagavad Gita, 4.11.

⁹ Shivamahimnastotra, 7.

Antes de lidar com a questão, sobre qual é o caminho que se deve escolher entre tantos conceitos, temos que considerar a própria natureza de cada um. O homem é homem porque pode pensar, por que então deveria ser reduzido à posição de gado mudo e conduzido? A constituição de cada homem é diferente. Não há duas pessoas exatamente iguais, mesmo na aparência física. O homem vem a este mundo com uma carga de tendências e nunca com uma *tabula rasa*. O próprio fato dos seres nascerem, dizem as escrituras indianas, é devido ao *momentum* [impulso] de ações passadas ou *Karma*, e de acordo com isso são formados seus temperamentos. As escrituras hindus falam de três *gunas* ou constituintes da Natureza, a saber, *sattva*, *rajas* e *tamas*, e de acordo com a predominância de qualquer desses constituintes, a natureza do homem é tranquila, ativa ou inerte. Pois ‘como é a natureza de alguém, assim é sua fé. E o caráter do homem se desenvolve de acordo com sua fé, portanto, como é sua fé, assim é o homem’.¹⁰ Se o homem tem que fazer progresso real, deve ser permitido desenvolver-se à sua própria maneira, de acordo com sua própria natureza. O que outro homem pode fazer, se possível, é dar-lhe uma mão amiga à sua própria maneira e nunca interferindo em seu ideal ou condenando o que ele tem estimado. Se alguém não pode fazer isso e se ainda é solícito pelo bem-estar dessa pessoa, o melhor que pode fazer é manter-se fora do caminho dessa pessoa. O que Sri Ramakrishna ensinou por repreensão e instruções a ‘M’, o escritor do Evangelho de Sri Ramakrishna, pode ser estudado com muito benefício para o nosso crescimento espiritual. ‘M’, que havia absorvido a ideia de que a adoração à imagem não é um modo adequado de adoração, no início de seu contato com o Mestre, veio argumentar que, embora Deus possa ter forma, ainda ‘Certamente Ele não é a imagem de barro!’

MESTRE (interrompendo): ‘Mas por que barro? É uma imagem de Espírito’.

‘M’ não conseguiu entender bem o significado desta ‘imagem de Espírito’. ‘Mas, senhor’, disse ele ao Mestre, ‘deve-se explicar àqueles que adoram a imagem de barro que ela não é Deus, e que, enquanto a adoram, devem ter Deus em vista e não a imagem de barro. Não se deve adorar barro.’

MESTRE (severamente): ‘Esse é o hobby de vocês, pessoas de Calcutá — dar palestras e trazer outros para a luz! Ninguém nunca para em considerar como obter a luz ele mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros?’

Por pessoas de Calcutá, o Mestre queria dizer pessoas que estão imbuídas das ideias modernas. O homem fará mais mal do que bem com tal interferência. Sri Krishna diz no Gita: ‘Não crie confusão nas mentes dos ignorantes que estão apegados ao trabalho. Pois um homem sábio deve encorajá-los em todo trabalho, engajando-se ele mesmo firmemente no trabalho.’¹¹ Trabalhando de maneira altruísta, sem qualquer motivo, a mente do homem se purifica e em uma mente purificada, os valores das coisas se tornam cada vez mais claros até que ele chega a conhecer a verdadeira natureza das coisas. Da mesma forma, qualquer que seja a ideia de Deus

¹⁰ Bhagavad Gita, 17, 3.

¹¹ Ibid, 3.26.

de uma pessoa, ela, se for sincera, chegará à Verdade. É por isso que Sri Ramakrishna disse: ‘Aquele que é o Senhor do Universo ensinará a todos. Apenas Ele nos ensina, que criou este universo, que fez o sol e a lua, homens e bestas e todos os outros seres. O Senhor fez tantas coisas — Ele não mostrará às pessoas o caminho para adorá-Lo? Se elas precisam de ensino, então Ele será o Mestre. Ele é nosso Guia Interior.’

IV

O que é, portanto, exigido do homem é sinceridade e anseio para conhecer Deus, para vê-Lo. Temos esse anseio? Então estamos no caminho certo. Fazemos nossas práticas espirituais regular e sistematicamente? Então há esperança de que um dia O veremos, de que estamos certamente fazendo progresso no caminho, embora possamos não estar cientes disso. **Mas mero conhecimento de livros e repetição de escrituras como papagaios não nos valerá de nada, não nos levará a lugar algum. Não pode nos mostrar Deus.** As escrituras hindus afirmam aberta e corajosamente isto: “Nem pela exposição (de escrituras), nem pelo raciocínio, nem pela leitura de muitos Textos este *Ātman* pode ser alcançado. Ele é alcançado por aquele que apenas O busca. A alma dessa pessoa é iluminada pela luz do Senhor.¹²” Um grande significado é atribuído às palavras ‘apenas O busca’. Não adianta buscar Deus como uma entre as muitas coisas que você deseja. Não é busca alguma. Deve-se buscá-Lo e só a Ele. E isso significa que não deve haver outro pensamento na mente e nenhuma outra palavra na fala, exceto sobre Ele, e nenhuma outra ação, mas aquela que é dedicada a Ele. E isso deve ser feito não por um dia ou um ano, mas até que a realização venha. Tal firmeza e concentração podem ser alcançadas de repente? Por prática longa, contínua e regular, obtém-se um pouco de concentração. Quanta prática não é então necessária para ter esse desejo de buscá-Lo apenas! Só adora verdadeiramente quem O adora dessa maneira. Tal pessoa atinge a Luz, não importa qual forma ou ideal adore. Alcançando a Luz, ele se torna uma luz para os outros. Portanto, não é apenas o conceito de Deus que traz Luz ao homem, mas sua devoção a esse conceito. Swami Vivekananda disse que aquela era será ideal, quando cada pessoa perseguir seu ideal de religião sozinha, sem interferência de ninguém em qualquer lugar.

Vamos entender isso completamente e abandonar todas as atitudes inimigas em relação a outras seitas, outras religiões e perseguir nossos próprios caminhos com firmeza e devoção, lembrando ao mesmo tempo que ódio e fanatismo não nos levarão a lugar nenhum perto de Deus. Pelo contrário, isso nos afastará d’Ele. Estude as vidas dos santos e sábios e encontre um entre eles que tenha alcançado esse estado odiando os outros! **Deus é todo-amor.** Portanto, se temos que adorar Deus, também **devemos nos tornar todo-amorosos.** Então e só então nossa adoração será frutífera.



¹² Mundakopanishad, III. ii.3.